

RECONSTRUINDO E CONTANDO UMA HISTÓRIA DE AMOR E PERDA: O FILHO PERDIDO DE PHILOMENA LEE

PHILOMENA – DIREÇÃO: STEPHEN FREARS. REINO UNIDO/FRANÇA, 2014. COM JUDI DENCH, STEVE COOGAN, SOPHIE KENNEDY CLARK.

IVÂNIA JANN LUNA

Psicóloga, terapeuta de família e Doutoranda em Psicologia — Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSC.

Assisti ao filme “Philomena” recentemente lançado no Brasil em 14 de fevereiro em 2014. Saí do cinema convicta de que queria conversar sobre ele; que queria compartilhar com as pessoas alguns dos temas tratados de maneira tão delicada e empática pelo diretor do filme.

Gostaria de ressaltar, de antemão, que o texto que apresento a seguir se baseia no roteiro dirigido pelo diretor do filme Stephen Frears, e não na história verídica de Philomena Lee e que foi abordada no livro de Martin Sixsmith. Portanto, trata-se de uma análise de uma obra de ficção, produzida pela narrativa do cinema, e, por isso, convido a todos a dialogar com o enredo do filme.

O filme conta a história de uma mulher que foi obrigada, pelas freiras, a renunciar ao filho, quando viveu, muito jovem, num convento da Irlanda. Porém, fiquei me perguntando: por que o diretor do filme para abordar esse enredo trouxe à tona a relação entre Philomena Lee e o jornalista Martin Sixsmith? Por que os protagonistas do filme permaneceram juntos durante todo o filme? Por que quando eles tiveram a oportunidade de se separar isso não aconteceu? O que havia de comum entre pessoas tão diferentes?

Diante dessas interrogativas comecei a pensar que o filme abordava o encontro de duas pessoas que, juntas, buscavam o que perderam. Philomena Lee havia perdido o seu filho e Martin Sixsmith havia recentemente perdido algo que lhe era muito valioso – a sua posição profissional e o seu emprego. No entanto, a perda dele foi subliminarmente expressa em algumas cenas, riquíssimas em conteúdo simbólico, que poderiam passar despercebidas para um espectador desavisado ou cansado.

Observei que a primeira cena do filme é justamente sobre o jornalista. Nesta, ele estava sendo orientado por um médico a exercitar-se, pois fora considerado deprimido pela esposa. Em outras cenas, distribuídas ao longo do filme, o jornalista aparecia correndo e era ultrapassado por pessoas mais jovens do que ele. Daí vieram novas perguntas: Que tipos de perdas uniam Martin Sixsmith e Philomena Lee? Por que elas apareciam tão subliminarmente, como se o espectador tivesse que encontrá-las mais pela sensibilidade do que pela razão?

Os dois protagonistas do filme estavam unidos por perdas não reconhecidas pela sociedade: o desemprego e a renúncia de um filho. Cabe destacar que o termo “perda e luto não reconhecido” foi cunhado pelo sociólogo inglês Kenneth Doka, em 1989, para designar situações em que não se dá a permissão social de viver o luto. Indo em direção a essa visão, Imber-Black (1994) diria que essas perdas não são autorizadas, pois se tornam segredos de família, uma vez que estes

implicam vergonha e culpa, logo, não podem ser autenticamente compartilhadas e reveladas.

No filme, Philomena Lee só revelou à filha o segredo da gravidez e da doação do filho depois de 50 anos. Martin Sixsmith, por sua vez, não ficava à vontade para conversar sobre como e por que foi demitido de um importante cargo no parlamento inglês. Nem com sua própria esposa!

Assim, se por um lado estranhei que o diretor do filme tenha retratado a esposa do jornalista de modo tão distante e sombrio, bem como a própria filha de Philomena Lee, de outro, foi ficando cada vez mais claro que em situações de perdas e lutos não reconhecidos é preciso construir uma rede social de apoio fora do âmbito familiar. Uma rede que não sabote, de modo explícito, o desejo de revelar um segredo guardado, mas, ao mesmo tempo, que permita publicizar a experiência de sofrimento de modo controlado; e que esse sofrimento não comprometa as pessoas que dele participam. Um lindo paradoxo!

Este, por sua vez, foi delicadamente abordado durante todo filme, explico melhor, a revelação, não só da gravidez na adolescência e da renúncia do filho, bem como da humilhação, clausura, silêncio e vergonha – vividos por Philomena Lee no convento –, foi, desde o primeiro momento, articulada e negociada entre os dois protagonistas enquanto tentavam saber onde vivia o filho perdido de Philomena.

Assim, percebi que ambos estavam envolvidos em diálogos e questionamentos que ilustram, de modo muito claro, os processos de reconstrução de significados deflagrados diante de perdas silenciadas. Esses diálogos e questionamentos, do meu ponto de vista, permitiram que os dois protagonistas construíssem novos e velhos significados, colocando em xeque a visão de mundo construída e com a qual operavam até o momento em que decidiram suspender o silêncio.

Essa é a perspectiva de Attig (2001) a respeito do processo de luto que, na sua visão, implica construir novos significados (*meaning making*) e encontrar velhos significados (*meaning finding*). O primeiro aspecto indica que significados são dados às ações, às experiências e ao sofrimento. Além disso, eles possibilitam renovar as esperanças, reinterpretar aspectos da autonarrativa e autocompreensão, além de reavaliar o lugar que se tem no mundo, tendo sempre como base os novos significados criados. Para o autor, tudo isso direciona o enlutado para a seguinte pergunta: “Quem sou eu agora?” Diferentemente, encontrar velhos significados é um processo muito menos deliberado, por isso implica lidar com significados já vivenciados naquele contexto de vida.

Muitas cenas retratam o processo de luto de ambos os protagonistas. Quando Philomena Lee vê o filho em uma foto abraçado a um homem, ela diz: “Ele era muito sensível já aos três anos de idade”, encontrando significados associados aos três anos em que viveu com ele no convento.

Em outra cena interessante, Philomena perdoa a freira que a fez renunciar ao filho. O jornalista, em oposição, põe em xeque os dogmas católicos e a fé professada por essa freira, dizendo que o pecado não está na carne, no sexo, mas na alma, na falta de compaixão e de amor pelo outro. Nessa cena há o reencontro com velhos significados a respeito da instituição católica e da vida cristã, mas também a possibilidade de construção de novos valores que merecem ser cultivados e que Philomena deseja manter: paz, empatia e compaixão.

Esses sentimentos se sobrepuseram à raiva, vergonha ou mágoa, permitindo a Philomena Lee a autorização interna para falar publicamente da sua história. Acima de tudo, ela percebeu que era hora de falar e não de calar, percebeu qual era o seu lugar no mundo e novas maneiras de ver esse mundo em que havia outras mulheres que também haviam perdido os seus filhos em condições semelhantes às vividas por ela num convento. Sua decisão foi anunciada ao jornalista diante do túmulo do seu filho, Antony Lee, agora encontrado enterrado no próprio convento. O jornalista, por sua vez, não se sente autorizado a publicar a história de Philomena e lhe diz para recuar: “Isso é entre e você e seu filho...”

Ao assistir ao filme e refletir sobre ele percebi a necessidade de dar visibilidade ao silêncio, isolamento e a comunidade invisível de enlutados que sofrem perdas não reconhecidas. Esse filme possibilitou pensar nessas pessoas que não tem como reconstruir seus significados, suas Histórias de amor e perda: pessoas que convivem com HIV/AIDS; mulheres que tiveram aborto espontâneo ou que decidiram abortar; pais e mães que perderam filhos assassinados ou estão desaparecidos; pessoas que vivem a situação de desemprego e humilhação no mercado de trabalho; profissionais de saúde que perderam seus pacientes etc.

Muitas outras situações de perdas e lutos não reconhecidos poderiam ser citadas aqui, mas, por economia de espaço, remeto o leitor ao livro organizado por Gabriela Casellato, publicado em 2005, *Dor silenciosa ou dor silenciada? Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade*. Nesse livro, Gabriela articula o conceito de luto não reconhecido no Brasil, bem como apresenta a comunidade invisível de enlutados na sociedade brasileira.

Esse filme permitiu, acima de tudo, pensar como podemos tecer laços de “humanidade” diante dos sentimentos e processos humanos – a tristeza e a busca por significados que possam dar sentido às nossas vivências frente à perda de algo que nos é muito significativo. Assim, faço duas perguntas ao leitor deste texto: como podemos estar com as “Philomenas Lee” e auxiliá-las a encontrar as suas respostas e significados? O que acontece quando contamos, juntamente com o outro, as nossas Histórias de amor e perda?

Philomena, agradecendo ao jornalista, lhe disse: “... a sua perda (do emprego) foi o meu ganho, só assim eu puder vir à América procurar pelo meu filho, obrigada...”. Quando se termina de assistir ao filme se vê um Martin Sixsmith que também ganhou muito quando auxiliou Philomena a contar e reconstruir a sua história de amor e perda, que aprendeu a contar histórias sobre “o mundo dos sentimentos” – termo utilizado pela sua editora, e começou também a pertencer a este “mundo”, no qual somos todos iguais, todos amam, todos perdem e todos podem reconstruir e contar histórias de amor e perda.

Philomena nos permite refletir sobre histórias que não podem ser publicamente contadas e reconhecidas. Convido vocês a assisti-lo.

REFERÊNCIAS

- Attig, T. (2001). Relearning the world: making and finding meanings. In R. A. Neimeyer (org.). *Meaning reconstruction and the experience of loss* (pp. 33-53). Washington: American Psychological Association.

- Casellato, G.** (2005). Luto não reconhecido: um conceito a ser explorado. In G. Casellato (org.) *Dor silenciosa ou dor silenciada? Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade* (pp.19-34). São Paulo: Livro Pleno.
- Casellato, G.** (2005). Algumas reflexões finais. In: G. Casellato (org.) *Dor silenciosa ou dor silenciada? Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade* (pp.151-156). São Paulo: Livro Pleno.
- Doka, K.** (1989). *Disenfranchised grief: recognizing hidden sorrow*. Lexington, MA: Lexington Books.
- Imber-Black, E.** (1994). Segredos na família e na terapia familiar: uma visão geral. In: E. Imber-Black (Org.). *Os segredos na família e na terapia familiar*. (15-39). Porto Alegre: Artes Médicas